

INVERTENDO OS PAPEIS: QUANDO OS FILHOS TORNAM-SE PAIS DOS SEUS PAIS.

Bruna Alves de Oliveira*

Gabriela Machado Cafeiro**

RESUMO

Contextualização do tema: O estudo apresenta as implicações causadas nas famílias quando ocorre uma cisão na hierarquia familiar, evidenciando a inversão de papéis entre pais e filhos. O processo de parentalização traz aos filhos uma responsabilidade sobre os pais que nem sempre estão prontos, mas acabam assumindo o processo e cuidam dos pais desde a organização da casa até as incumbências pessoais, protegendo, aconselhando e auxiliando em seus afazeres. No entanto, os filhos geralmente sentem angústia, por ter que desrespeitar a hierarquia e assumir esta posição. **Objetivo geral:** Identificar qual o sentimento dos filhos quando ocorre a inversão de papéis e cuidam de seus pais, independente do envelhecimento ou adoecimento, como se fossem seus filhos. **Objetivos específicos:** Identificar as dificuldades destes filhos em serem pais de seus próprios pais; mostrar o quanto a inversão de papéis pode ser cômoda para alguns pais; e analisar as possibilidades de retorno da hierarquia tradicional que não seja em caso de envelhecimento ou adoecimento destes pais. **Metodologia:** É uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, denominada um estudo de campo, por meio de entrevista semiestruturada com 3 adultos que cuidam de seus pais. **Resultados e discussão:** Observou-se a dificuldades que os filhos parentalizados sentem em assumir esta responsabilidade e a dificuldade dos pais em adaptar a este processo. **Considerações finais:** De acordo com os dados analisados, os filhos precisam preparar os pais para assumirem a hierarquia no intuito de tornarem-se filhos novamente, denominando aos pais o lugar de origem no subsistema familiar.

Palavra-chave: Família; Filhos e Pais; Hierarquia familiar; Inversão de papéis.

ABSTRACT

Contextualization of the theme: The study presents the implications for families when a family hierarchy cison happens, highlighting the inversion of papers between parents and children. The parenting process gives children a responsibility over parents who aren't always ready, but they end up taking the process and take care of the parents from the organization of the house to the personal responsibilities, protecting, advising and helping in their work. However, children often feel anguish, for having to disrespect the hierarchy and take on this position. **Overall objective:** Identify the feelings of children when the reversal paper occurs and care for their parents, regardless of aging or illness, as if they were their children. **Specific objectives:** Identify the difficulties of these children in being parents of their own parents; show how reversing paper may be convenient for some parents; and analyze the possibilities of return of the traditional hierarchy that is not in case of aging or illness of these parents. **Methodology:** This is a descriptive research of a qualitative approach, called a field study, through a semi-structured interview with 3 adults who care for their parents. **Results and discussion:** The difficulties faced by parentalized children in assuming this responsibility and the parents' difficulty in adapting to this process were observed. **Final considerations:** According to the analyzed data, the children need to prepare the parents to assume the hierarchy to become children again, naming the parents the place of origin in the family subsystem.

Keyword: Family, children and parents; Family Hierarchy, Inversion of paper

* Discente do curso de Psicologia, Faculdade Ciências da Vida (FCV). Sete Lagoas-MG. *E-mail:* brunalves725@gmail.com

** Psicóloga especialista na área da Violência Contra Crianças e Adolescentes (USP), professora da Faculdade Ciências da Vida (FCV). Sete Lagoas-MG. *E-mail:* faculdade@vivenciarh.com.br

1 INTRODUÇÃO

A hierarquia é definida por uma ordem, uma categoria, relação de poder, categorias para a finalidade de chefia de várias áreas, sendo empresarial ou familiar, trata-se de uma estrutura de poder influenciável e controlada por criação de regras e imposições de limites (RABELO, 2014). A família diz de um convívio que as pessoas são inseridas seja por nascimento, casamento ou adoção, sendo um lugar onde quase sempre retornam após um dia árduo e cansativo, pois a segurança e afeto é existente naquele ambiente (MACEDO, 1994). A junção das palavras hierarquia e família traz um forte significado sobre o controle do poder decisório e os processos adaptativos de acordo com o que o sistema familiar exerce, no entanto, cada membro afeta o funcionamento do grupo com o seu desenvolvimento pessoal (RABELO, 2014). É primordial o respeito para aqueles que estão acima na hierarquia, trata-se de uma norma imposta pela sociedade, de um modo geral sempre estará presente em qualquer ciclo vivenciado sobre os grupos familiares, cada membro possui um grau de autoridade na família de acordo com os papéis e regras estabelecidos (FALCÃO, 2006).

A inversão de papéis demanda dos filhos um crescimento obrigatoriamente necessário para a realização das atividades que lhe é direcionada, ao passo que neste momento o filho deveria estar preocupado apenas com sua qualidade de vida, seus desejos e fazendo suas próprias escolhas. O motivo desta inversão de papéis, na maioria das vezes é a fase natural do envelhecimento ou adoecimentos dos pais, mas acontece quando os pais não conseguem dar limite ao direcionamento da família e isso faz com que esses filhos precisem assumir o cuidado dos pais. (MELLO; *et al.*, 2015). Este processo, não é agradável, pois mesmo precisando, alguns pais não aceitam essa troca e se irritam com os filhos de forma deslegante.

Justifica-se este artigo a fim de contribuir com o desenvolvimento de ciência e profissão da psicologia, a fim de explanar os sentimentos dos filhos que passam pelo processo de parentalização, devendo assim, cuidar dos pais seja a partir da inversão de papéis hierárquicos ou ao devido adoecimento dos pais. A psicologia há de contribuir com os processos de enfrentamento dos filhos em descumprir a hierarquia familiar e não sentir mal com todo este processo, pois da mesma forma

que alguns pais se sentem desconfortáveis com este cuidado, alguns filhos sentem o desconforto de “desrespeitar” o ciclo e literalmente mandar em seus pais.

Diante do exposto, investiga-se: quais as implicações dos filhos quando ocorre uma cisão na hierarquia familiar, evidenciando a inversão de papéis sendo pais de seus próprios pais? A partir das hipóteses levantadas, a inversão de papéis geralmente acontece após o envelhecimento e/ou adoecimento dos pais, nota-se que em alguns ciclos esta inversão acontece precocemente devido à falta de responsabilidade ou domínio dos pais. Aos filhos parentalizados percebe-se a maturidade para conseguir êxito em cuidar de seus pais, mesmo deixando as funções esperadas pela idade para o processo de maturação, com todo esse processo alguns filhos sentem que estão desrespeitando a hierarquia familiar e causa desconforto para os mesmos. Da mesma forma, os pais passam por um processo de aceitação para receber os cuidados dos filhos de acordo com as necessidades.

Contudo, a pesquisa obtém o objetivo geral de apresentar os sentimentos dos filhos em relação a inversão de papéis a partir desta quebra hierárquica. Todavia, os objetivos específicos estão pautados em: identificar as dificuldades destes filhos em serem pais de seus próprios pais; mostrar o quanto a inversão de papéis pode ser cômoda para alguns pais; e analisar as possibilidades de retorno da hierarquia tradicional que não seja em caso de envelhecimento ou adoecimento destes pais. Para tanto utilizou-se o estudo de campo com um grupo de 3 adultos que cuidam de seus pais, no qual participaram de entrevista semiestruturada cujos dados foram tratados pela análise de conteúdo de Bardin (1977/2016).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O RESPEITO SOBRE A HIERARQUIA FAMILIAR

Com o passar dos tempos, as famílias estão sendo vistas pela sociedade como um sistema que através das circunstâncias podem ocorrer várias mudanças

em seu funcionamento. O próprio grupo familiar pode gerar mudanças no ciclo, a partir do desenvolvimento de cada um, com isso, existem vários tipos de família, as que são tranquilas, às mais agitadas, as mais organizadas ou desorganizadas e as famílias mais rígidas ou permissíveis (RABELO, 2014). A hierarquia é a relação de poder que possui diferentes “níveis de autoridades”, ela indica uma mudança na estrutura das posições de cada membro e as regras que são estabelecidas naquele ambiente familiar (FALCÃO, 2006).

A estrutura familiar é um conjunto de exigências que organiza a interação dos familiares, quanto mais repetido os padrões de exigências daquele grupo, mais reforçado ele permanece. (FALCÃO, 2006). Conforme citado por Ferreira e Falcão (2006), a coalizão é uma propriedade fundamental, pois retrata o respeito à aliança das pessoas contra outras dentro do mesmo ciclo.

O papel dos filhos em assumir algumas responsabilidades dos pais é definido por um processo interior da família, no qual eles passam a arcar com as funções parentais, e isto faz com que os filhos cresçam de forma obrigatória, adquirindo competências que não correspondem a sua idade. (MELLO; *et al.*, 2015). Conforme citado por Mahler e Rabinovitch (1956), é possível observar o quanto os filhos podem exercer papéis na família que não são esperados por eles em certos períodos de vida, como a ação de serem pacificadores diante dos problemas, ajudantes dos pais e familiares, quem guarda segredos de membros da família, e fortalecedores dos laços matrimoniais entre os pais. À medida que os pais não dão conta dos problemas sozinhos, eles recorrem aos filhos para essa responsabilidade que pertence ao pai, desvendando o quanto os filhos são importantes para os pais neste cenário frágil sobre a dificuldade em direcionar a família. (MELLO; *et al.*, 2015).

2.2 FILHOS COM RESPONSABILIDADE DE PAIS, COMODIDADE PARA AMBOS?

Geralmente o nascimento e a criação dos filhos, sempre é um momento importante, no qual os pais precisam aprender a ser pais e ensinar os filhos a obediência, a educação, o afeto, dentre vários outros processos de ensino na fase do desenvolvimento infantil, mas nem sempre esses pais tornam-se de fato pais,

dando toda a atenção necessária e acaba deixando essas crianças tomarem conta por si só (SERRA-NEGRA; PORDEUS, 1996). Em alguns casos acontece o contrário, os pais que deveriam ser os criadores dessas crianças, têm seus papéis invertidos e as vezes em um grupo familiar as crianças são quem dita as regras, não como uma responsabilidade, mas para chamar atenção, fazer birra, chorar e acabam ganhando o que querem. O problema é quando os filhos por algum motivo ou circunstância precisam tomar a posição de pais dos seus próprios pais e quebra a hierarquia familiar. (TORRES, 2008)

O conceito de parentalização dos filhos é definido por algo em específico daquela família, a qual esses filhos passam a encarregar-se das funções parentais, este processo consiste no esforço de atingir um bem-estar de seus pais, fornecendo um ambiente favorável para morar (MELLO; *et al.*, 2015). De acordo com os estudos de Minuchin, (1967), este processo acontece de forma diferenciada de acordo com o contexto em que os filhos estão inseridos, como a desorganização e socioeconômico precário, ou seja, quanto menos há condição financeira, mais adulto os filhos precisam ser para assumir responsabilidade em ajudar os pais. Da mesma forma, nota-se as famílias religiosas, elas possuem uma autoridade maior sobre os filhos, com proibições, rigidez nas criações, dentre outras atitudes. (MINUCHIN, *et al.*, 1967). Geralmente nesta situação os pais forçam os filhos a obter uma postura mais adulta, sem avaliar as necessidades dos filhos de acordo com a idade.

Conforme citado por Bert Hellinger (2012), os pais recorrem aos filhos na intenção de tranquilizarem e sentir-se confortáveis diante das situações, e isso faz com que os papéis familiares sejam invertidos na hierarquia. O fato de ocorrer a parentificação destes filhos, assumindo a posição de pais dos seus próprios pais, gera conflito ao ciclo, pois os filhos não conseguem reger a estrutura familiar conforme esperado pelos pais, obtendo atitudes adultas, desse modo acontece o adoecimento na família, deixando um vazio perante as necessidades emocionais do pai e/ ou da mãe.

A comodidade encontrada pelos pais perante a parentalização dos filhos, faz com que eles não tenham com que se preocupar com as suas responsabilidades, pois, sempre obterá alguém que as façam por eles. O fato de não assumirem a responsabilidade de guiar uma família, não é direito de transferir aos filhos esta especificidade. Quando os pais transferem a responsabilidade aos filhos,

automaticamente, os filhos depositam importância àquele fato de tal forma que acaba abdicando de seus desejos e sonhos passando a viver a inversão tentando dar o melhor de si aos seus pais, mesmo deixando várias lacunas em aberto, visto que o mesmo não possui autonomia para fechá-las devido a sua experiência de vida (HELLINGER; et al, 2012).

Em consequência da falta de equilíbrio familiar, os pais que não amoldar às novas vivências sociais, sofreram pelo fato de produzirem instáveis funções parentais, pois é visto que quando não conseguem manter firmeza e atitudes na criação dos filhos, reforçam a persistência dos filhos em terem suas próprias atitudes a partir do que pensam que é correto a se fazer. A variabilidade de humor dos pais, causa uma interação constante com os filhos, ocasionando dificuldade no aprendizado de valores morais ensinados, visto que perdem respeito pela autoridade de pais. (BARRETO; RABELO, 2015)

A hierarquia familiar, precisa atender a três critérios básicos: o tempo, a função e o peso. O tempo deve ser respeitado, pois a hierarquia vem de cima, sendo dos mais velhos aos mais novos neste ciclo, não pode haver alteração na direção para não causar a disfunção. Os avós vêm antes dos pais, e os pais vêm antes dos filhos no qual os mais jovens sempre vem após os mais velhos, esta é a sequência a ser respeitada e cada um possui uma função no grupo (HELLINGER; et al, 2012).

Cada filho ensina o outro de acordo com a sua idade, o primeiro ensina o segundo e ao terceiro, assim como o segundo recebe do primeiro e ensina ao terceiro filho. Por fim, em sua maioria o primogênito recebe mais recompensas e privilégios e o mais novo geralmente quebra a regra da hierarquia familiar e assume a função que seria do filho mais velho, a responsabilidade diante o envelhecimento de seus pais ou culpa por algo inconsequente feito por eles. Em relação ao peso, o relacionamento entre o pai e a mãe é o mais importante, sendo a primeira formação da família do sujeito, mesmo que não esteja unido matrimonialmente. Posteriormente, vem o relacionamento de pais e filhos, no qual demonstra a importância da família de origem, sendo os primeiros laços estabelecidos pelos filhos, então finalmente o relacionamento dos filhos aos grupos de sua escolha de acordo com a sua personalidade (HELLINGER, 2012).

2.3 CUIDAR DOS PAIS INDEPENDENTE DO ENVELHECIMENTO OU ADOECIMENTO

De acordo com os relatos dos cuidadores, geralmente os filhos são escolhidos para cuidar de seus pais devido os pais terem cuidado melhor ou mais tempo deste filho anteriormente como um símbolo de compromisso com o outro. Neste caso, portanto trata-se de uma retribuição, caracterizando assim uma inversão de papéis e cuidados (OLIVEIRA, *et al.*, 2016).

De acordo com o Estatuto do Idoso (2003), os filhos possuem a obrigação de cuidar dos pais doente ou idoso, mesmo com a aflição de pensar no que os esperam. O fato de ter que cuidar dos pais não quer dizer que os filhos precisam cuidar da forma que eram cuidados por eles, mas deve ser feito o melhor, sempre proporcionando saúde e bem-estar. Não é sempre que o certo será o que agrada ou corresponde a imaginação dos pais ou filhos (HELLINGER; *et al.*, 2012).

Durante o amadurecimento dos filhos, acontece o momento em que este cuidar dos pais será a prioridade na vida, porém alguns filhos possuem o receio de realizar esta atividade e acabam contratando enfermeiros (as), ou cuidadores de idosos para fazer por eles. Portanto, existe a obrigação que é imposta pela cultura da família, isso faz com que, de acordo com a criação dos filhos, os pais ensinam que cuidar é uma obrigação moral, então, quando os filhos estão pequenos, os pais cuidam com todo amor e carinho ensinando o real significado deste cuidado, assim, quando os pais envelhecem, deve ser retribuído de forma recíproca pelos filhos (ZORNIG, 2010). Concluindo: está retribuição acontece geralmente quando o cônjuge vai a óbito, então os filhos possuem a obrigação de realizar tal tarefa (FONSECA; PENNA, 2006). Quando os filhos reconhecem esta responsabilidade, os pais acham mais indicado que os filhos partam, pois possuem a convicção de que eles estarão de volta quando for preciso, e quando os filhos sentem livres para partir sabem que não estão abandonando os pais, mas retornarão um dia para cuidar do seu elo paterno (HELLINGER; *et al.*, 2012).

3 METODOLOGIA

O presente projeto trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, a fim de descrever o perfil de determinada população, ou o estabelecimento de relações entre as variáveis, demonstrando os pontos pertinentes sobre uma estrutura hierárquica familiar a partir dos filhos. (GIL, 2002). O objetivo deste trabalho é identificar qual o sentimento dos filhos quando ocorre à inversão de papéis em casa e os filhos precisam por algum motivo pertinente cuidar dos seus pais, independente do adoecimento ou envelhecimento como se fossem seus próprios filhos, assumindo responsabilidades trocadas em cuidar, proteger, aconselhar e auxiliar em seus afazeres, desde as organizações simples até o processo educacional de seus pais. Para a coleta foi consultado os sites de pesquisa científica, SCIELO e PEPSIC, no intuito de fundamentar melhor a pesquisa.

O método utilizado foi uma abordagem do tipo qualitativa, e como intermediador o estudo de campo, buscando aprofundar melhor na proposta de pesquisa, estudando um grupo a partir da sua estrutura social de acordo com a demanda trabalhada (GIL, 2002). O tipo de instrumento aplicado na pesquisa foi um questionário semiestruturados em entrevista individual contendo 10 perguntas norteadoras para a entrevistas, com 3 adultos entre 22 a 27 anos que cuidam de seus pais como se fossem seus filhos. O convite para a contribuição das entrevistas foi divulgado a partir das redes sociais a fim de captar esses adultos que manifestaram seu desejo em contribuir com a pesquisa a partir da sua prática. Os participantes serão citados ao artigo como: E1; E2; E3. A partir das entrevistas surgiram as seguintes categorias: 1) Sentimento dos filhos a partir da inversão hierárquica; 2) Influência externa ao processo de parentetização; 3) Renascimento dos pais para retorno dos filhos; 4) Busca pela mudança.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os padrões éticos da psicologia, foram disponibilizados os termos de consentimentos e autorização de livre esclarecimento para assinatura dos

entrevistados, resguardando-o de que os dados fornecidos são para o projeto de pesquisa e não será revelada a identidade dos envolvidos, pois as entrevistas foram gravadas por um aparelho específico e transcritas através de um aplicativo para o computador, a fim de realizar a análise dos dados e estabelecer categorização das falas. Enfim, para a pesquisa foi realizada como análise dos dados a análise de conteúdo (BARDIN, 2016)

4.1 SENTIMENTO DOS FILHOS A PARTIR DA INVERSÃO HIERÁRQUICA

Durante as entrevistas não foi difícil perceber a inversão de papéis dentro do sistema, pois a partir do momento em que esses pais não estão respondendo por eles, alguém precisa dar conta disso e tomar a frente nas demandas da casa. A forma como cada pai e filho enfrenta a inversão de papéis evidencia a atual necessidade do ciclo, pois para os pais é como se existisse uma desordem dentro do sistema, e isso é claramente demonstrado para os filhos cuidadores destes pais, mesmo que estejam confortáveis com a situação:

“Minha mãe ao mesmo tempo em que ela fala que é uma cobrança muito grande ela fala que vai fazer as coisas para me ajudar, mas de fato isso não acontece porque geralmente ela fala, ah não sei o que seria de mim sem você, se você não estivesse aqui eu não conseguiria fazer nada e eu não estaria mais aqui” (E1, 22 anos).

“[...] ele está acostumado sempre teve alguém para fazer as vontades dele, a mãe, as namoradas, mas a filha cuidar dele, dominar ele, ele fica puto (sic) de raiva porque eu brigo muito para o bem dele, mas ele acha ruim e fecha a cara” (E2, 27 anos).

Porém para os filhos a situação é inversa, o fato de ter que cuidar dos pais, traz uma responsabilidade muito grande, fazendo com que eles literalmente percam a sua vida pessoal e acaba tendo que abdicar de vários desejos, como trabalhos, festas, amigos e até mesmo cuidado com a saúde pessoal.

“[...] normal, já virou um hábito, não tem muita diferença não, eu me sinto muito sobrecarregada, dá vontade de largar tudo e sumir no mundo, eu não tenho liberdade, eu não tenho meu momento, eu não tenho as minhas coisas, eu sempre penso neles primeiro [...] eu preciso pagar as contas, eu

preciso cuidar dos bichos, já pensei muitas vezes em sair de casa, mas eu não consigo, eu sempre penso neles primeiro.” (E2, 27 anos).

“Assim no começo é mais complicado, pois trabalhava no comércio, tinha a minha vida pessoal, então tive que sair do serviço para poder acompanhar em tudo que ele fazia [...] e agora como se diz já estou me acostumando né, preciso sempre estar ao lado dele [...]” (E3, 24 anos).

Ao questionar sobre como se sentem com todo o processo da parentalização, a descrição é igual, porque os filhos sentem angústia em cuidar dos pais, não desejavam que a situação tomasse essa proporção a ponto de os pais não terem autonomia para cuidar de afazeres básicos deixando aos filhos a posição de chefe familiar, colocando esses pais em primeiro lugar, mesmo que seja angustiante, cansativo e trabalhoso os filhos deixando de ser protegido e tornam-se protetor de seus pais. (VIEIRA; RAVA, 2012)

4.2 INFLUÊNCIAS EXTERNAS AO PROCESSO DE PARENTALIZAÇÃO

De acordo com a Constituição Brasileira da família (2016), cabe aos pais assistir, educar e criarem os filhos menores de idade, já no Estatuto do Idoso (2003), é dever dos filhos maiores amparar aos pais na velhice, carência ou enfermidade (SOUZA; SKUBS; BRETAS, 2007). Em sua maioria, os comportamentos que exercemos na sociedade sempre estão acompanhados de influências externas que estamos expostos seja em casa, familiares, no trabalho, nos programas de TV que assistimos e até mesmo os explícitos em redes sociais (BRAKE; SAFKO, 2010). Com isso, a forma em que atuamos no mundo diz muito sobre as nossas escolhas e absorção das influências:

“Eu já havia começado a ajudar os meus pais com coisas básicas como ir ao supermercado com ele e ajudar a comprar coisas, porém passou uma matéria no programa do Fantástico, onde a menina cuidava da parte financeira da família porque os pais estavam muito descontrolados financeiramente, aí o meu pai viu achou interessante e pediu para tentarmos, eu tinha uns 15 anos e hoje estou com 22 anos então comecei a cuidar da parte financeira da casa e hoje eu cuido de praticamente tudo sozinha”. (E1, 22 anos).

“Eu cuidava da minha irmã ela é três anos mais nova que eu e nós duas cuidava da casa porque o meu pai trabalhava fora era sempre ausente a minha mãe tinha problema com o álcool então todo mundo da família intromete na nossa vida, a minha avó não gostava da minha mãe, então nós éramos sempre largadas de lado, tinha que nos virar com tudo.” (E2, 27 anos).

“A questão foi de saúde, pois o meu pai teve insuficiência renal e o quadro é grave, a minha mãe tem problema nas pernas e não pode se movimentar muito, então se não sou eu para correr atrás de tudo, ficam sozinhos porque tem os outros filhos, mas eles colocam outras coisas em primeiro lugar do que os pais, aí como se diz, eu tomei a frente de tudo.” (E3, 24 anos).

As famílias que passam pelo processo de transição da adolescência para a vida adulta precisam estar cientes para que o ciclo não seja adoecido, pois nem sempre ocorre de maneira satisfatória na concepção de alguns subsistemas, fazendo com que os filhos sejam parentalizados ou dependentes, e isso mostra que a falta de equilíbrio pode desestruturar os demais, portanto cabe a cada um desempenhar as tarefas da melhor maneira possível para que não suceda o acúmulo dos papéis dos demais (VIEIRA; RAVA, 2012).

4.3 RENASCIMENTO DOS PAIS PARA RETORNO DOS FILHOS

A partir do termo “Ninho Cheio” denominado como a saída mais tardia dos filhos de casa, ou divórcio dos mesmos, tem mostrado que os filhos são os mais indicados para tornarem-se cuidadores dos pais no envelhecimento ou adoecimento, visto que a proximidade física é maior e isso faz com que os filhos tomem esta responsabilidade para si. (AUGUSTO; SILVA; VENTURA, 2009). A partir dos estudos de Nunes (2000), os filhos parentalizados assumem responsabilidades que geralmente são utilizadas pela família a favor do subsistema parental, a fim de evitar o abandono dos filhos aos pais, exercendo funções que não faz parte do seu papel de filhos.

[...] então, eu penso muito nisso, mas de uns tempos para cá eu tenho pensado muito na questão de morar sozinha de dar um tempo e tentar acostumar eles aos poucos para eles tomarem o melhor caminho para eles, recomeçar e consegui fazer o que eles conseguiam fazer como antes e eu preciso voltar a ter a minha vida, eu perdi a minha vida, eu não vivo pra mim, eu vivo para eles. (E1, 22 anos)

“Quando eu falo que vou de sair de casa ele fala que vai morar com a namorada dele, que ele vai fazer as coisas sozinho, mas ninguém vai,

ninguém sai, eu não saio de lá porque eu tenho as minhas coisas que me prendem, da mesma forma para ele que tem a gente que cuida dele, e já está acostumado com a situação então acaba que ninguém quer deixar o outro[...]" (E2, 27 anos).

"Eu quero ir embora, não sei pra onde, mas vou, os meus pais têm outros filhos, eu quero muito ter liberdade, poder fazer minhas escolhas, minhas coisas, não posso ficar a vida toda tomando decisões que não são minhas, posso até continuar ajudando meu pai no tratamento de saúde dele, mas morar com eles a vida toda e sempre resolver tudo sozinha, eu não quero mais" (E3, 24 anos).

Em algumas situações os filhos não saem de casa pelo fato de ter que cuidar dos pais por não saberem que não possuem outros para fazer por eles e acabam acostumando com a situação, já em outras famílias, os filhos permanecem na casa dos pais por mais tempo para cumprir as expectativas de seus pais quanto ao seu futuro, pois a partir dos mitos e crenças estabelecida por algumas famílias, os filhos saírem de casa denomina-se a entrada na vida adulta (VIEIRA; RAVA, 2012).

4. 4 BUSCA PELA MUDANÇA

Conforme citados de Henrique (2003) e Nascimento (2006), os filhos parentalizados desejam se desvincular-se das famílias de origem para conquistar a liberdade, deixando para trás uma sobrecarga de responsabilidades parentais e fraternais em que se ocupam desde muito novos. Alguns filhos mesmo acomodados com a relação em que vivem buscam provocar mudanças no ciclo familiar para sair da zona de conforto e trazer esses pais para os devidos lugares de origem ao subsistema familiar.

"Já eu tive umas crises de estresse que eu passei muito mal, de desmaiar, sentir falta de ar, de ter queda de cabelo e nessa época os médicos sempre falava que é a questão de ter muita responsabilidade, de estar muito cansada, eu estava estafada mesmo da situação então passei a situação para meus pais e disse que eles precisarem me ajudar então a minha mãe sempre falava que ia me ajudar, mas nada que ela fazia ficava como eu faço eles acomodaram literalmente ao processo e não quer mexer, não querem sair dessa zona de conforto". (E1, 22 anos)

"Olha na minha casa sempre foi assim, então de certa forma a gente já está acostumada a fazer as coisas até que resolver as coisas, porque não tem

ninguém ali que vai resolver para a gente, não tem ninguém que vai pegar para fazer, então eu sempre tive que me virar né e aos 10 anos de idade, por exemplo, já fazia as minhas coisas e ia para escola sozinha, eu ia ao banco [...] sempre aconteceu dessa forma eu não vejo nenhuma outra mudança, sobre isso não, a família da minha mãe é muito pequena a gente nunca teve um exemplo de família Então as coisas eram do jeito que era porque não tinha muitos respeitos [...]”. (E2, 27 anos)

“[...] eles estão totalmente dependente de mim, [...], mas eles não aceitam algumas coisas porque ainda acham que eles podem fazer tudo, que eles sempre estão certos, que tudo que eu faço é errado, porque se não for do jeito deles está errado [...] eles acham que eu mando nas coisas, que eu mando neles, mas se não pegar firme com eles, não fazem nada e aí eles vão deixando até alguém precisar tomar a posição para eles, por este motivo que eu procuro sempre estar pedindo eles pra fazer as coisas toda hora, mesmo eles achando ruim eu faço, enfim, sobra tudo pra mim [...]” (E3, 24 anos).

Para que as mudanças aconteçam, é necessário que todo o ciclo esteja de acordo, e para isso é importante que todos conversem entre si para a melhor solução, pois cada membro afeta o funcionamento do grupo familiar de origem com o seu desenvolvimento pessoal. (RABELO, 2014)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o tema traz uma dificuldade de compreensão, pois o processo de parentalização nem sempre são de conhecimento dos filhos, durante as entrevistas foram citados o quanto é difícil perceber a parentalização, pois tanto os filhos quanto os pais acostumam com a situação e não percebem que estão sendo submetidos à inversão dos papéis a partir da cisão hierárquica. Nota-se que os filhos só percebem quando estão abdicando de suas vontades para fazer tudo pelos pais, seja, cuidando da organização da casa, protegendo, cuidando da saúde dos pais como marcações e acompanhamento a médicos e outros lugares, aconselhando no que for melhor, auxiliar em seus afazeres pessoais ou até assumindo as dívidas.

O sentimento de angústia trazido pelos filhos remete um medo devido estar desrespeitando a hierarquia família, visto que os pais precisam ser os responsáveis que rege esta família, porém, por motivos de força maior é algo não acontece, cabendo aos filhos assumirem estas posições. De acordo com a atualidade, os filhos

estão demorando mais para saírem de casa, ou quando divorciam voltam para a casa dos pais, conhecido pela ciência como ninho cheio, isto faz com que os filhos se tornam cuidadores desses pais e assumem todas as responsabilidades de casa, independente do envelhecimento e/ou adoecimento dos pais. Mas, isto não se torna uma obrigatoriedade dos filhos, irá variar de acordo com a necessidade de cada ciclo.

Para o retorno da hierarquia familiar é preciso que os filhos comecem a movimentar os pais, trazendo para o ciclo natural, a fim de que os pais possam retomar as suas atividades de forma independente, assumindo as suas escolhas e efetivando os seus desejos. O preparo desses pais precisa ser gradativo, começando de algo simples como ir ao mercado até algo que demande muito da capacidade dos pais como assumir as dívidas ou tomar os medicamentos no horário correto, este processo de maturação precisa ser ensinado aos pais como se ensina a uma criança ou adolescente que estão aprendendo as coisas. Em algum momento da vida os filhos precisaram seguir rumos diferentes necessitando deixar seus pais, mas antes precisam estar assegurados de que os pais não sofreram danos ou retrocessos com essa decisão. Porém existe a possibilidade de não acontecer o retorno dos papéis na hierarquia por alguma dificuldade relevante, com isso, cabe aos filhos criarem mecanismos para cuidar de seus pais e automaticamente seguir sua vida, de forma que possam conciliar seus afazeres e dividir as funções com outros familiares e cuidadores.

Vale ressaltar que o estudo se limitou a investigar um grupo de três pessoas devido à dificuldade em saber que são filhos parentalizados. Este tema poderia ser ampliado para trabalhos futuros a fim de investigar a dificuldade das percepções em serem parentalizados e propor um debate ao tema, visto que as informações precisam ser feitas para todos no intuito de atingir o conhecimento do senso comum, considerando a efetiva atuação do psicólogo nas áreas familiares, auxiliando no estabelecimento de papéis e na inversão destes a partir da hierarquia familiar. Sugiro também que as hipóteses deste artigo sejam investigadas por outros profissionais na intenção de criar métodos a fim de auxiliar os filhos parentalizados através dos achados multidisciplinares.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, F. M. F; SILVA, I. P; VENTURA, M. M. **Filhos cuidadores: escolha, mudanças e desafios.** Revista Kairós Gerontologia, São Paulo, v.12 (2), novembro 2009: (pp.103-118).

BARDIN, L. **Análise do Conteúdo.** 3. ed. São Paulo: Edições 70, 1977/2016. Disponível em: < <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016>>.

BARRETO, M.J.; RABELO, A.A.; **A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade.** (pp. 34-42) Pensando Famílias, 19 (2), dez. 2015.

Constituição da República Federativa do Brasil. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília 2016

Estatuto do Idoso. Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. www.mds.gov.br/suas/arquivos/estatuto_idoso.pdf.

FALCÃO, D. V. da S. **Doença de Alzheimer: Um Estudo sobre o Papel da Filhas Cuidadoras e suas Relações Familiares.** Tese Doutorado em Psicologia, Universidade de Brasília -DF, 2006.

FERREIRA, D. M. L. & FALCÃO, D. V. **A velhice e a psicoterapia na perspectiva de pessoas idosas.** In: Falcão, D. V. & Dias, C. B. (eds.). Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas (pp. 423-443). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FONSECA, N. R; PENNA, A. F. G; SOARES, M. P. G. **Ser cuidador familiar: um estudo sobre as consequências de assumir este papel.** Physis [online]. Vol.18, n.4, pp.727-743. ISSN 0103-7331. 2008

HENRIQUES, C. R. **“Geração canguru”**: o prolongamento da convivência familiar. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

HELLINGER, B; WEBER, G; BEAUMONT, H. **A simetria oculta do amor: Porque o amor faz os relacionamentos darem certo**. 1. ed. São Paulo. Editora Pensamento-Cultrix, 2012.

MACEDO, R.M. **A família do ponto de vista psicológico: Lugar seguro para crescer?** (pp 62- 68) Coordenadora do núcleo de família e comunidade da PUC-SP. Caderno de São Paulo, 1994.

MAHLER, M. S; RABINOVITCH, R. **The effects of marital conflict on child development**. In V. E. Eisenstein (Ed.), *Neurotic interaction in marriage* (pp. 44-56). New York: Basic Books, 1956.

MELLO, Renata; FERES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, Andrea Seixas. **Das demandas ao dom: às crianças pais de seus pais**. Rev. Subj., Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 214-221, ago. 2015.

MINUCHIN, S; GUERNEY, B; ELBERT, S. e ROSMAN, B. **A method for the clinical study of family interaction**. *Journal of American Orthopsychiatry*, 10: 30-56, 1964

NASCIMENTO, A. M. **Transição para a vida adulta: situação dos filhos adultos brasileiros** no período 1970-2000. 2006. 243 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) –Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, 2006.

NUNES, C. S. **Como o câncer (des)estrutura a família**. São Paulo: Annablume, 2000.

OLIVEIRA, S.G.; QUINTANA, A.M.; BUDÓ, M.L.D.; KRUSE, M.H.L.; GARCÍA, R.P.; WUNSH, S.; SARTOR A.F. **Representações sociais do cuidado de doentes terminais no domicílio: o olhar do cuidador familiar**. Aquichan. 2016; 16(3): 359-369. DOI: 10.5294/aqui.2016.16.3.7

RABELO, D. F. **Configuração e funcionamento de famílias com idosos que apresentam diferentes condições psicológicas e de saúde**. 2014: Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas.

SERRA-NEGRA, Júnia Maria Cheib; PORDEUS, Isabela Almeida. **Influência da hierarquia familiar**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 16, n. 3, p. 27-30, 1996.

SAFKO, L; Brake, D. K. **A Bíblia da mídia social**. 1. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2010.

Senado Federal (BR). **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília (DF): Centro Gráfico; 1988.

SOUZA, R. F.; SKUBS, T; BRETAS, A. C. P. **Envelhecimento e família: uma nova perspectiva para o cuidado de enfermagem**. *Rev. bras. enferm.*[online]. 2007, vol.60, n.3, pp.263-267. ISSN 0034-7167.

TORRES, C.S.R. **Filhos que mandam em seus pais: o declínio da autoridade nas famílias contemporâneas**. PUC – SP, São Paulo, 2008.

VIEIRA, A. C. S.; RAVA, P. G. S. **NINHO CHEIO: Perspectiva de pais e filhos**. *Psicologia Teoria e Prática*. V.14, n 1. pp. 84-96. 2012

ZORNIG, S. M.A. **Torna-se pai, torna-se mãe: o processo de construção da parentalidade**. *Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, V.42.2, p. 453- 470, 2010.